

Ranis



## O HOMEM E A TÉCNICA

### 1. Uma civilização técnica

#### a) Suas características :

É corrente para o homem dos nossos dias a afirmação de que vive em plena civilização técnica. Dá-lhe tal afirmação uma certa segurança, uma consciência difusa de contas exactas com todas as provas do nove certas. Assegura-o subconscientemente de que tem luz eléctrica em casa ou pratos de plástico que se não quebram. Alargando-se a imaginação à medida que sobem as remunerações, o homem associa progressivamente a civilização técnica ao frigorífico e à televisão, aos produtos sintéticos e aos aviões a jacto. Ai se circunscrevem, no horizonte económico-social de cada homem, as dimensões da civilização técnica.

Não sabe o homem de nossos dias que o estranho fenómeno a que assiste não é mera profusão de inventos e bens úteis. Não sabe por isso que, para julgar moralmente essa civilização, lhe não bastam as mesmas leis e regras com que julgou as civilizações dos séculos precedentes, ainda que reduza à escala conveniente as unidades com que vai aferir as coordenadas qualidade e ritmo da criação.

Ignora que a civilização técnica poucas afinidades tem com o sector quotidiano do comércio das panelas de pressão. Ela ultrapassa, de longe, a venda das novidades musicais microgravadas em cloreto de polivinilo. [Na verdade, a civilização técnica vai até aí, até essa periferia em que os hábitos do homem se enraizam, e novas aquisições têm, só por si, efeito publicitário. Mas as suas manifestações não são pontuais. Ela é hoje o grande campo sociológico em que o homem se movimenta. E, mesmo sem a ter escolhido, o homem é determinado pela distribuição e intensidade das suas linhas de força.]

Não se trata unicamente de um ritmo alucinante de progresso. Não estamos numa civilização técnica só porque há muitas fábricas e centrais eléctricas, ou porque em cada dia, e só no sector da química, se publicam no mundo inteiro mais de 200 trabalhos originais ! (Como nota Georges Friedman, na sua recente introdução ao estudo da UNESCO sobre os aspectos sociais da automação, "uma acumulação de progressos de ordem aparentemente quantitativa pode provocar um salto qualitativo, uma diferença de natureza"). A intensificação quantitativa gerou uma nova realidade. Essa realidade quebrou de tal forma as tradições milenárias do trabalho humano que mesmo na sua forma embrionária do princípio do século se afirmou como ponto singular. Assim se autonomizou o mundo técnico, não por reivindicação democrática das máquinas, mas por exigência da própria natureza da Revolução Industrial. Os problemas humanos que criou, alguns já fora do enquadramento técnico, assumiram rapidamente as mesmas características para além de todas as fronteiras.

Ao autonomizar-se, esse mundo exerceu uma funda influência na vida social. Assim é que a transformação de natureza, de que falei



há pouco, alterou substancialmente a atitude dos indivíduos perante o trabalho e as instituições sociais. Numa tal civilização, o homem só pode subsistir na medida em que intervier no processo global em que a humanidade está empenhada. A urgência do mundo técnico, a sua implacável justiça em que o erro é sempre erro e onde só encaixam as peças rigorosamente ajustadas, não se compadece do ritmo lento, muito menos da ociosidade ou do amadorismo. O trabalho, sob qualquer forma, torna-se lei comum. Se durante séculos foi dever, na civilização técnica é direito.

Bastava apenas a irrupção da presença da mulher, com um certo carácter de reivindicação, no mundo do trabalho, para lhe dar inconfundivelmente esse cunho. Mas o problema situa-se mais longe. Na mentalidade e nas atitudes sociais que o proletariado trouxe consigo, puseram-se a nu as condições de vida dos homens. Viu-se então que o trabalho se tornava um bem, como garantia de outros bens maiores, e que devia ser socialmente defendido. Acentuou-se então o direito do homem ao trabalho.

O que a nossa civilização tem de próprio, como acentua Chenu, no livro "Pour une théologie du travail", é que ela vale por si própria, pela sua eficácia original, para a construção do mundo, para o destino histórico da humanidade. Não que seja um fim supremo pelo qual o homem se realizasse completamente; mas o trabalho é um fim na ordem que lhe é própria, um fim secundário, e não unicamente um instrumento de perfeição do homem, conjunto simples de utilidades, de vantagens, a moralizar do exterior por piedosas intenções.

#### b) Suas consequências:

O encontro destes dois fenómenos fez extrapolar as características próprias do mundo técnico.

xx Não é difícil, na euforia que o sucesso técnico provoca, (aquela sensação palpável de ter resolvido a equação ou posto a funcionar a máquina), não é difícil trazer para a rua os mesmos métodos e querer aplicá-los a todas as realidades, mesmo às que não são quantificáveis. Daí a civilização em que os homens se julgam e se classificam seriando-se mutuamente por motivos tão fundamentados como os dos prognósticos do "football". Daí a civilização em que a cultura se vende em condensados e se mede em "best-sellers".xx

Não admira pois que, como abortos, nasçam de tal cultura os produtos degradados de profissões destinadas a salvaguardar o qualitativo, o único, o pessoal. A educação em série, a medicina socializada, a ciência das relações humanas reduzida a receita de casos tipo - são alguns exemplos imediatos.

## 2. Tentações da civilização técnica

Se, nas características que a definem, a civilização actual não é objectivamente merecedora de condenação, isso não invalida que ela apareça, na vida quotidiana, diluída num conjunto de subtis tentações

[ A primeira tentação deriva da própria natureza da técnica. Movimentando-se na esfera das coisas materiais, a Técnica só vê o homem na periferia da sua acção. Sabe que os bens úteis que produz só têm sentido em função do homem, mas fica-se no caminho, autonomizando o que é



meio. Ora o trabalho desta civilização técnica não é apenas disciplina, perfeição do homem. Antes de tudo, ele surge na civilização técnica como a produção duma obra. No esforço (de disciplina e de submissão às leis da matéria, que lhe exige o trabalho técnico, e homem toma facilmente como fim único da sua vida de homem a produção da obra. Para o homem dos nossos dias, o valor do humano está no trabalho feito, como se o "homo faber" esgotasse todas as possibilidades do ser ou mesmo o definisse completamente. No entanto, o homem continua a movimentar-se nos dois universos complementares : o do fazer e o do ser. A atitude que torna o "fazer" como único critério do humano, sucede-se imediatamente o embotamento do universo moral. Passam a contar unicamente os critérios de eficácia na realização da obra. (Daí a atitude tão frequente com que no meio industrial se julgam as pessoas, habitualmente pelas "coisas" que foram capazes de fazer. A generalização para o domínio espiritual é fácil).

x Mais ainda : [Preso ao deslumbramento das leis materiais que lhe dão a repousante certeza da sua imutabilidade, o homem do mundo técnico alarma-se e escandaliza-se com as amplas leis do mundo moral e com as mutáveis leis do mundo psicológico. No contacto com os indivíduos, perde a sensibilidade às delicadezas infinitas da alma humana e mede, com processos "standard", as reacções que julga poder controlar a seu contento.] (Na vida quotidiana da fábrica, é esta talvez a tentação mais funda, contra a qual é preciso lutar a cada instante).

[E, se grandes desorientações do comportamento espiritual dos homens se desenham à sua volta, o técnico julga-as com a mesma superioridade com que olha todas as realidades invisíveis. Refugia-se então no próprio trabalho que é seguro, certo e demonstrável. Repose ilusório, porque só em Deus o homem pode encontrar solução para os problemas complexos que o desorientam. Daí que o mundo técnico conduza facilmente a uma insensibilidade total perante os valores religiosos. Essa insensibilidade é tanto mais nítida quanto a exigência da quantidade do número, da demonstração, é transporta para o domínio metafísico, tornando impossível o encontro com Deus.

y [A sua contribuição para a sociedade vem também informada do prestígio e do valor palpável que a obra material feita tem a seus próprios olhos. A utilidade social dos bens úteis aparece ao homem do mundo técnico como a escusa mais completa para se alhear dos outros sectores da <sup>consciência de um povo</sup> actividades. A vida política, as correntes do pensamento aparecem-lhe como fantasias impalpáveis que não têm comparação possível com o concreto e válido domínio em que se movimenta.] Daí o seu proverbial alheamento de tais esferas e a sua não menos proverbial incompetência. Esquece-se de que, além de técnico, é homem - cidadão de um país. Muitas vezes, esquece até que é filho da Igreja apostólica.

x [Nesse deslumbramento pelos valores técnicos, o homem a quem a Técnica se destina dilui-se cada vez mais. E de tal forma, que acaba por deixar de ser o homem real que sofre na sua alma e na sua carne as violências do mundo técnico, para se tornar no homem abstracto. Vai tão longe essa deformação, que muitas vezes se violentam as liberdades e os direitos essenciais dos homens que hoje vivem, sofrem e morrem, em nome do homem que está no termo da cadeia de produção ou do homem futuro que há-de beneficiar, segundo dizem, do sacrifício da geração presen-



te. O extremo de tal atitude encontra-se, com toda a evidência do erro, na sociedade comunista, mas na nossa sociedade de chamado mundo livre é possível, muitas vezes, defender, em nome do homem, as decisões que o sacrificam no momento presente. ] (É o caso frequente de novos investimentos de empresas que não garantiram ainda o salário justo aos seus operários e isso sob o pretexto de poderem dar mais trabalho e de contribuirem para aumentar o rendimento nacional. Não ignoro que a solução é difícil).

x [ No extremo limite das tentações do mundo técnico, o predomínio das realidades visíveis e das leis do mundo material conduz à procura dos bens deste mundo, à aceitação da autonomia dos sentidos perante o espírito. Apagam-se os valores normativos do mundo moral; sobretudo, quebra-se aquele renovado apetite da infância que liga o homem às realidades invisíveis da união com Deus.

Socialmente, Deslumbrado pelo sucesso que alcançou nas últimas décadas, o homem julga que a evolução da humanidade se há-de processar num ritmo de valorização constante unicamente à custa dos valores técnicos. Neles põe toda a esperança e a eles se entrega completamente. Como nota Corção, "o tecnicismo crê que é das técnicas parcelares que resultará o bem-viver e o epifenômeno da consciência moral". Então abre-se a porta ao mais refinado e terrível materialismo, susceptível de fazer caminhar a humanidade para a sua própria destruição. ] (A civilização comunista é o extremo dessa concepção, que no mundo livre encontra a sua mais trágica expressão nos países escandinavos, possuindo um nível de vida material altíssimo e, no entanto, vivendo o total afastamento de Deus).

Reunindo as principais características dos tempos presentes, Pio XII, na Mensagem de Natal de 1953, denunciou os erros da técnica, que "... dá ao homem moderno, inclinado diante do seu altar, um sentido de auto-suficiência, e de satisfação plena das suas aspirações de conhecimento e de poder sem limites. Com o seu múltiplo emprego, a absoluta confiança que suscita, as inexauríveis possibilidades que promete, a técnica moderna desenvolve, em torno do homem contemporâneo, uma missão tão vasta, que leva muitos a confundi-la com o próprio infinito." "... considera-se como o mais alto valor humano e da vida, tirar o maior proveito das forças e dos elementos da natureza; colocam-se como fim, de preferência a todas as outras actividades humanas, os possíveis métodos técnicos de produção mecânica, vendo neles a perfeição da cultura e da felicidade terrena". ]

Feita a distinção entre as características da civilização técnica e as tentações resultantes da sua indevida extrapolação, talvez seja fácil compreender que a condenação dessa extrapolação não é ignorância nem menosprezo dos dados da civilização actual na sua forma mais pura. A civilização técnica, nos fenómenos estruturais que a alicerçam, é um dado sociológico tão real como o é a fisionomia política do mundo em que vivemos. A sua justa interpretação não pode, por isso, ser encontrada num saudosismo pelos tempos da Cavalaria, do artesanato ou dos salões literários. Não pode tão pouco alimentar-se de noções rudimentares assentes, no plano filosófico, na suposta antinomia matéria-espírito e, no plano moral, nas exigências do dever de estado e do sacrifício pelo progresso da humanidade. Exige o repensar de todos esses valores no



juízo sereno do homem adulto, com plena consciência da fisionomia mutável e complexa do seu tempo e da transparente cristalinidade dos princípios eternos.

São alguns elementos desse juízo que vamos indicar aqui.

### 3. O homem perante o universo material

#### a) o homem, colaborador de Deus na obra da Criação :

A civilização técnica não é um dado isolado duma evolução social que se processasse ao acaso ou, menos ainda, a expensas dum fatalismo que nada, nem a suprema razão do homem, pudesse controlar. A civilização técnica integra-se no grande processo histórico da evolução da humanidade. Faz parte da história e aí tem um sentido mais fundo que transcende a aparente característica de epifenómeno de criação científica super-desenvolvida. Nessa perspectiva, ela é caminho do plano de Deus sobre o mundo e o universo criado. Nas suas falhas e hesitações, nos seus erros e deformações, como nas suas realizações mais gloriosas, a actual civilização é caminho para o Advento do Reino. Através dela se completa também a Redenção, porque a Encarnação de Cristo veio assumir todo o humano, não só o que se circunscreve ao universo individual, mas o que se alarga no tempo do processo histórico da humanidade. É nesse duplo ângulo que importa encarar a actual civilização.

Que significa, pois, para o homem-indivíduo a participação no mundo da Técnica ?

No Génesis (1, 26-28 e 2, 7 e 8), o homem é criado com uma triplíce missão : ser imagem de Deus; colaborar com Deus na obra da Criação; dominar sobre as coisas criadas. Ao dar um nome a todos os seres, o homem define-os e conhece-os, domina-os. E, se a história da Criação se não esgota no momento em que o primeiro homem exerceu esse direito, a ciência que permite ao homem conhecer os seres e as leis que os regem não é mais do que o prolongamento no tempo de tal missão.

O conhecimento não é só especulação científica, mas é-lhe dado dominar, transformar, criar novas formas e novos materiais. Todo o trabalho participa deste poder, mas a técnica está-lhe mais intrinsecamente ligada. Pode dizer-se então que, no plano de Deus, o trabalho completa o homem. Não o esmaga nem o escraviza. Não é tão pouco elemento justaposto ao homem, à margem do seu comportamento moral. Ele entra na definição do homem.

O homem realiza-se, pois, na medida em que dominar pela razão, pela descoberta, pelo poder, toda a natureza, e a orientar para o humano. Aliás, S. Paulo não faz senão dar a esse domínio a dimensão cristocêntrica, quando diz : "Tudo é vosso, mas vós sois de Cristo, e Cristo de Deus".

Pio XII, num discurso proferido em 1956 a um Congresso de Aeronáutica, definiu nestes termos a missão do homem em relação às coisas criadas : "O Senhor Deus, que depôs no coração do homem o desejo insaciável de saber, não tinha a intenção de pôr um limite aos seus esforços de conquista, quando lhe disse : "Dominai a terra". Foi toda a Criação que Deus lhe confiou e que oferece ao espírito humano, para que ele penetre o seu mistério e possa assim compreender, cada vez mais





profundamente, a grandeza infinita do seu Criador".

b) O homem e o carácter penoso do trabalho :

Não se integra, porém, o trabalho na vida do homem através de um processo perfeitamente hierarquizado. O pecado original alterou substancialmente a relação entre os seres criados. Assim a matéria trabalhada pelo homem, originalmente destinada a ser dominada por ele, emancipa-se e autonomiza-se. A sua lei de docilidade e comportamento repetitivo, ainda que objectivamente verdadeira, torna-se opaca, inacessível, rebelde à vontade do homem. O divórcio, a insubmissão torna-se tanto mais nítida quanto mais vinculado está o trabalho ao mundo material. Aí assume as suas proporções mais trágicas o carácter penoso do trabalho como castigo pela queda. Ele gera, por um lado, as condições psicologicamente difíceis do trabalho industrial, e, por outro lado, a emancipação do material na vida da humanidade, conduzindo às aberrações da civilização técnica. Na verdade, é relativamente fácil aceitar o carácter penoso do trabalho quando a criação, a obra, aperçeba nitidamente como um complemento do homem. No mundo técnico, porém, o homem está habitualmente longe da obra, ignorando, muitas vezes, o termo último do que produz. Não pode permitir-se uma distração, porque a matéria tem as suas leis absolutamente inexoráveis, que ele não pode ultrapassar.

Mas, nessa aparente sujeição, está afinal a raiz da libertação do homem. Porque é aí que ele é chamado a compreender a lei essencial do ser, a fidelidade à vocação própria de cada coisa, o sereno reflexo duma inteligência ordenadora que refina certezas e linhas de rumo a-través dos caminhos da realidade.

Na dureza do mundo técnico, o homem apreende um sentido fundo de sofrimento que é caminho de redenção, preparação natural para que no coração do homem Cristo reine.

c) O sentido da técnica ao longo da história da humanidade :

Mas o problema do homem face à técnica não se circunscreve, como disse, ao indivíduo. Que significa, pois, para a humanidade a evolução da Técnica ?

Desde o princípio da história da humanidade até ao advento da primeira Revolução Industrial, a técnica processou-se no ritmo lento de descoberta e aproveitamento dos bens da natureza.

A técnica é uma posse do mundo, não só no saber abstracto, no processo intelectual da compreensão, mas numa actividade criadora que modela ou torna visíveis realidades do mundo material até aí apenas latentes nas coisas.

Até à máquina a vapor, a técnica tem um carácter essencialmente intermitente, resultando cada invenção dum novo passo da ciência a que a técnica, na fase embrionária, está directamente ligada. As produções técnicas surgem esporadicamente, como casos únicos, não comercializados. O seu carácter raro, por um lado, ou o tipo de bens a que conduz, por outro, não permitem distinguir o que seria uma fase incipiente da técnica, da criação artística com um sentido de aplicação imediata. O bem útil e produto da Técnica identifica-se então com o bem deleitoso que é produto da arte.



\* Mas, ao atingir a maioria - através das descobertas das primeiras máquinas de transformação da energia, do fabrico em série e da electricidade - a Técnica não se limita a um só ponto do espaço, da ciência, da humanidade; expande-se rapidamente por todos os continentes, procura todas as aplicações possíveis, dirige-se a todos os homens. Ela traduz-se sociologicamente por um fenómeno de expansão.

Nesse movimento de expansão, a Técnica veio tornar patente a energia do mundo material pronta a libertar-se. E que aconteceu então? Revelaram-se forças desconhecidas, de poder suficiente para vencer todas as barreiras, desde o som às distâncias siderais; encontraram-se técnicas capazes de mudar climas e condições geográficas; povoou-se o mundo de novos seres e dos novos conceitos que eles trouxeram consigo.

É evidente que não há aqui necessariamente nenhum mal. O potencial do mundo no campo material pode crescer enormemente sem que, em si, tal facto seja alarmante ou conduza fatalmente a uma sociedade predominantemente materialista. É na relação com o potencial espiritual da humanidade que o problema surge. Na verdade, a antinomia matéria-espírito é apenas aparente, com a condição de que o espírito domine, oriente, controle a matéria em cada passo da sua libertação. A cada novo surto da Técnica deveria corresponder um aprofundamento proporcional dos valores espirituais. Tudo se situa em termos de velocidade relativa - a energia do mundo físico pode libertar-se e tomar todas as formas, na medida em que a posse espiritual do mundo pelo homem se desenvolva num ritmo ainda mais acelerado. Quer dizer, essa posse espiritual deve ser capaz de assimilar e de fazer a síntese de todos os valores que a libertação da energia no mundo material suscita ou reclama.

Ora, em vários aspectos, o desenvolvimento técnico dos últimos cem anos, correspondeu uma época de menosprezo de valores espirituais, de auto-suficiência do homem e conseqüente emancipação em relação a Deus. A Técnica tornou-se, assim, um sector da actividade humana que se não integrou no património espiritual da humanidade. A autonomia que caracteriza o mundo técnico tomou amplitude maior: transformou-se numa emancipação da Técnica processando-se na indiferença perante os desígnios de Deus sobre o mundo, como se fora fruto só da vontade e da inteligência dos homens. Ela veio mostrar à humanidade o caminho da sua própria perdição. Para o povo escolhido de Deus, que é a Igreja, ela é um aviso - semelhante aos avisos com que, na história de Israel, Deus guiou o Seu povo - e um apelo. Aviso de que Deus pode permitir que o homem seja tragado pelo abismo que ele próprio criou; apelo a que encontre, no retorno às origens, a força espiritual que o situe adequadamente no seu tempo, senhor das coisas criadas e não juguete das suas leis fatais.

#### d) Rumos da evolução da humanidade através da civilização técnica:

Aliás, parece sentir-se que o tempo presente é um tempo de viragem. Muito se tem falado, com efeito, da automação como duma panaceia para todos os males da civilização técnica. Não é fácil profetizar a esse respeito, e os numerosos estudos, que têm vindo a ser publicados, não chegam para definir certezas. No entanto, mesmo quando reduzida ao aspecto mais simples dum sistema de "feedback" introduzido num circuito de produção e permitindo o ajustamento do resultado efectivo ao resulta-



do previsto, mesmo nesse caso a automação parece abrir novos rumos. Assim é que, vindo substituir os trabalhos de rotina de uma dada especialização, a automação permite a recomposição das tarefas parcelares e, portanto, o alargamento da função. A hiper-especialização poderá ser, assim, ultrapassada, alargando-se o âmbito de acção do técnico.

Nessa série de trabalhos de rotina, a automação permitirá reduzir substancialmente a utilização do homem nas longas cadeias de produção, repetindo os mesmos gestos maquinais, de mesmo modo que tornará possível a melhoria das condições de segurança. O trabalho terá assim atenuado o seu carácter penoso. (É certo que o preço elevadíssimo das novas instalações industriais exigirá o trabalho nocturno, com todas as suas consequências).

Também o trabalho a prêmio, a corrida à quantidade que deu origem à tão denunciada expressão de "cadências infernais", reverso humano do aumento da produtividade, poderá ser ultrapassado num sistema de produção em que a relação individual entre o produto do trabalho e o trabalhador se encontra materialmente alterada.

A automação poderá criar ainda, pela interdependência funcional que exige na centralização do controle e na formação de equipas para a conservação, uma maior cooperação no trabalho, e, portanto, uma vida social com mais significado. Ela abrirá assim o caminho para um regime de relações sociais mais rico e para uma maior valorização de todas as potencialidades humanas.

No entanto, ela parece mostrar, desde já, duas exigências fundamentais. A primeira é a da importância inadiável da formação teórica dos quadros dirigentes, capazes de dirigir, não já a dócil matéria humana, mas o complexo e rígido sistema de computadores e painéis de controle. Então, e no plano meramente técnico, será possível afirmar que "a função dum engenheiro só pode ser validamente desempenhada se souber propor, em linguagem matemática, a problemática da realidade que lhe couber estudar". Só assim ele poderá explorar o modelo físico da realidade expresso na linguagem formal e lógica que é a linguagem matemática. Para além do plano técnico, ele terá de conhecer rigorosamente a linguagem de cada sector em que se movimenta, para que não extrapole indevidamente.

Outra exigência será a de uma educação mais intensa das massas humanas. A longo prazo, a automação provocará aumento de tempos livres e, através de menor desgaste no trabalho, uma possibilidade real de valorização através desses tempos livres.

Já por essa razão, já pelas novas interrogações de fundo que a automação traz consigo ao comum dos homens, sem grande preparação doutrinária para lhes fazer face, o caminho está aberto para uma integração dos valores da técnica em sínteses culturais seguras. Cada vez mais se torna obsoleta a oposição técnica-cultura. É essa atitude ainda bastante comum. (Ainda há dias, o artigo de fundo de um dos nossos jornais diários, numa frase bastante infeliz, dizia que a única cultura é a cultura literária...)

Ora a humanidade não pode bastar-se com tal conceito. Há uma exigência de aprofundamento, de interpretação rigorosa da realidade que nos cerca. Sobretudo, a cultura tende a ser hoje, cada vez mais, o in-



tegral de todas as experiências conscientes do homem, das mais simples às mais complexas.

Um mundo que se alarga e em que os povos africanos e asiáticos estabelecem um diálogo com a Europa e a América, mostra-nos que há um saber integrado, que só é possível a cultura na unificação de todos os valores humanos; torna-nos evidente que a cultura não é só fruto das especulações intelectuais mas das experiências sociológicas, que marcam o homem profundamente, e das tradições que lhe modelam a fisionomia étnica. Então indispensável se torna que a humanidade tenha fome dos valores espirituais sem os quais essa integração não poderá fazer-se. Nessa procura do verdadeiro, do esquema sobre o mundo e a vida, a humanidade caminhará ao encontro do plano de Deus.

Nesta etapa da evolução da história da humanidade, em que os homens surgem com iguais direitos, qualquer que seja a sua raça, credo ou sexo, o mundo técnico lança nova luz no significado moral e social dos trabalhadores. Através da importância e do sentido do mundo técnico para uma evolução da História Santa que se completa, no nosso tempo, os pequenos e os simples têm acesso, pela sua condição mesma de trabalhadores, ao Reino de Deus que eles tão decisivamente ajudam a construir.

Assim, da mesma forma que na evolução do universo o homem aparece anatomicamente terminado, também na evolução do mundo o homem se completa socialmente. E se a Técnica não aparece, como tal, no fim dos tempos, ela estará presente na humanidade inteira perante o Trono do Cordeiro, pela perfeição que lhe tiver permitido atingir.



#### 4. Acesso do mundo técnico

Fundação Cuidar o Futuro

- a) A ética do "serviço bem feito" como primeira condição da verdade existencial da técnica :

Como se fará essa evolução ? Como podemos nós, no mundo técnico, contribuir para que se realize hoje também, na época que é a nossa, o plano de Deus sobre o mundo ? É essa a pergunta que temos a fazer-nos. A resposta será a nossa própria vida.

Há uma primeira e fundamental realidade que importa ter em conta. Já me referi há pouco à importância e autonomia da obra, da produção em relação ao trabalho na nossa civilização. A obra não chega, como o quer a tendência tecnicista, para definir o homem. Mas ela tem as suas leis próprias, o seu mundo próprio. Quer dizer, a obra é de algum modo independente do seu autor. Ela vale por si próprias, independentemente do excelente carácter do autor, dos seus pensamentos românticos ou da sua ideologia política. Ela é boa ou má, consoante estiver certa ou errada, perfeita ou imperfeita, obedecer ou não às leis que devem orientar a execução dos seres da sua espécie.

Daqui decorre uma conclusão : é que o homem no mundo técnico tem de inserir-se na lei de generosidade metafísica que define a actividade laboriosa. Nenhuma boa intenção, nenhum sentimento, por mais elevado que seja, justificam a fuga a essa lei fundamental. Pode pois dizer-se que seria errada toda a espiritualidade que procurasse esvaziar o mundo das suas leis naturais. Mesmo o pensamento frequente em certos círculos, de que a actividade social e humana no técnico escusaria da fun-



ção técnica, que então serviria só de trampolim, me parece uma tentação. É illusória a presença no mundo técnico, e inconsistente a salvaguarda dos valores essenciais, se não assentarem numa subordinação real às leis intrínsecas da perfeição da obra técnica enquanto tal. Por isso Corção pôde dizer que a ética essencial do engenheiro é a do "serviço bem feito", ou, em outros termos, o bom uso das faculdades para a perfeição da obra.

A primeira contribuição que importa dar para que o mundo técnico corresponda ao plano de Deus sobre a humanidade reside, pois, aí. Antes de reformar o mundo técnico nas suas implicações humanas, e muito antes de condenar as extrapolações indevidas feitas para outros domínios, há uma verdade íntima à obra técnica, um respeito do ser e das suas leis, que têm de ser salvaguardados. Caminho bem concreto e bem exigente para todos os que estão comprometidos na Técnica: Lição de objectividade e lição de esquecimento de si mesmo, que são vias de valorização espiritual se o homem quiser segui-las.

Através desse conhecimento, o homem deve adquirir a noção, cada vez mais funda, do sentido do mistério que está para além das forças naturais que se libertam, ficando mais perto de Deus. Nessa atitude, ele é capaz de adquirir a primeira condição que predispõe à receptividade, à disponibilidade perante Deus e a Graça: a humildade intelectual.

#### b) A pessoa humana como fim de todo o progresso técnico:

x Mas a purificação do mundo técnico tem de ir mais longe, embora assente nesse pressuposto básico. Ao respeitar as leis próprias da matéria, a Técnica tem de ter sempre em vista o homem, que é objecto e fim último da vida social e de todas as suas manifestações. É para a pessoa humana que toda a técnica, não só indirecta mas directamente, deve ser orientada. É esta uma ideia que exige ser vivida em todo o mundo técnico, tanto nas estruturas que o alicerçam como na mentalidade que define o seu quotidiano existir.

Aliás, o desenvolvimento da ciência das relações humanas dá um suporte natural extremamente sólido a toda a reforma que se deva fazer neste sentido. Quando se obrigam os chefes de empresa, os quadros administrativos e técnicos a estudarem as leis do comportamento humano, a situarem-se no lugar do "outro" para lhe poderem compreender as reacções e dar-lhe a resposta adequada, a fomentar nos <sup>seus</sup> outros o desenvolvimento de todas as suas potencialidades como homens - então está-se no caminho certo para uma técnica posta ao serviço do homem. ] (A crítica fácil, que rotula a ciência das relações humanas de materialista por ter nascido da necessidade de aumentar a produtividade através do maior rendimento do factor humano, é possível responder que tal ciência é hoje absolutamente independente do processo económico que a gerou e tem um valor humano incontestável).

É certo, porém, que o homem não está perfeitamente definido senão como filho de Deus. A dignificação da pessoa humana, que se processa no plano natural, é preciso dar o "abstractum" sobrenatural. É preciso que os homens saibam que são Livres, reis e senhores do universo, mas isto porque são filhos de Deus, que num acto gratuito de amor os chamou a participar da realeza de Cristo sobre toda a Criação.



Não quero deixar de acentuar a influência decisiva que a mulher, quer no interior do próprio mundo técnico, quer (e talvez melhor!) exteriormente a ele, pode ter na salvaguarda da suprema dignidade da pessoa humana, que não pode sacrificar-se a nenhuma exigência do progresso, por mais inadiável que pareça.

c) O sentido purificador da comunidade (a empresa, a equipa) no mundo técnico :

[ O sentido exacto da pessoa humana é o primeiro passo para que o mundo técnico se abra e se deixe infiltrar pelos valores espirituais. Outro vem completá-lo : é o sentido da comunidade. O homem está na terra para cumprir o seu destino de amor e serviço de Deus, mas não isoladamente. Ele é profundamente solidário com os outros homens, e de tal modo que Cristo não hesitou em selar essa misteriosa união com o Seu próprio Sangue. ]

Cada grupo social é então chamado a reproduzir, à sua escala, as características da comunidade perfeita que é a Igreja, presença de Cristo no tempo.

Insiste-se sobremaneira, nos nossos dias, na empresa como comunidade social. Alicerça-se todo o trabalho e estruturam-se todos os organigramas na base da equipa. Através da comunidade mais ampla que é a empresa, como através do grupo restrito que é a equipa, podem ultrapassar-se as tentações do mundo técnico e pode ligar-se a técnica na sua justa posição à comunidade dos homens.

Exige porém tal atitude uma grande disciplina interior, ausência de vaidade, de desejo de prestígio ou ainda mais de dinheiro.

d) A libertação do mundo técnico no mistério redentor da Cruz :

[ É através dos valores humanos que a Técnica pode integrar-se na cultura, assumindo-a no seu mundo sem qualquer complexo e, ao mesmo tempo, dando-lhe o contributo duma presença harmónica e não o espectáculo inquietante duma aberração do homem moderno. Com essa cultura se construirá uma sociedade mais equilibrada, mais perfeita. ]

É também fundamentalmente através dos valores humanos que a Técnica será instrumento da Redenção na história da humanidade em marcha ao encontro de Cristo.

O sofrimento que impregna o mundo técnico é caminho para a compreensão da Cruz, para a grande união com Cristo no concreto labor quotidiano. Oferecido a Deus no altar de cada Missa, oferecido a Deus no rigor de cada trabalho, na dureza de cada pesquisa, na dificuldade de cada equação que se não resolve ou de dados que se não vislumbram. Oferecido a Deus na disciplina do corpo todo, vendo funcionar, em ritmo e barulho alucinantes, os teares, ou vendo escorrer, sem qualquer parcela de beleza, aquele líquido viscoso que se chama ácido sulfúrico...

[ O problema do homem, que a Técnica equaciona, é sinal próximo da sua Redenção, no encontro e na compreensão que se fomentam, no entendimento, em cada instante renovado, de que Cristo morreu sobre a Cruz por cada homem, sem excepção. ]

Então o mundo técnico adquirirá uma nova fisionomia e será



também caminho para a humanidade que se prepara para o Grande Dia do fim dos tempos.

Na sua própria complexidade, o mundo técnico tem assim o germen da esperança que o ultrapassa.

"Nossa esperança vem de Deus mesmo. Não somos nós que a inventamos, que a deduzimos, que a fabricamos. Deus mesmo é quem no-la deposita na alma, com as outras virtudes teológicas, a Fé e a Caridade, que é a maior. E nós sabemos, agora, que o nosso Destino não é a força cega que empurrava o rei Édipo para o parricídio e para o incesto. Nós sabemos que as portas de nossos destinos abriram-se; sabemos que o Filho de Deus deitou-se sobre o abismo de dor e morte para que nós todos, um por um, pudéssemos passar por cima do seu corpo. Nós sabemos que uma festa está sendo preparada para nós, desde toda a eternidade, e, quando apuramos os ouvidos, conseguimos distinguir os ruídos desses preparativos..... Nós sabemos, com a certeza da Fé, que há uma festa preparada para nós, e sabemos, desde já, que os preparativos escondidos não nos estão inteiramente escondidos. Ouvimos sinos que batem, ouvimos passos em procissão, ouvimos, como um rio de amor, um murmúrio de orações - e sabemos que é aqui mesmo, aqui em baixo, aqui e agora, entre velas, cálices, e pães, que o Cristo Jesus e Sua Mãe preparam, para nós, as garantias da ressurreição....." (1).

## Fundação Cuidar o Futuro

MARIA DE LOURDES PINTASILGO



---

(1) Gustavo Corção, in "As fronteiras da Técnica".